

CIBERTEXTUALIDADES

Publicação da Universidade Fernando Pessoa



TEMA DE CIBERTEXTUALIDADES 07

ESTUDOS SOBRE **ANTÓNIO ARAGÃO**

Organização de **Rui Torres**



INTRODUÇÃO DO ORGANIZADOR

RUI TORRES

Cinquenta anos depois das primeiras actividades colectivas da Poesia Experimental Portuguesa (PO.EX), a revista *Cibertextualidades* apresenta um número totalmente dedicado ao estudo da obra de António Aragão, autor madeirense (1921-2008) cuja produção artística inclui pintura, poesia, ficção e teatro. Demarcando-nos do óbvio - António Aragão foi um dos organizadores dos dois números da revista *Poesia Experimental* (1964, 1966) e é uma figura central na dinamização e difusão de actividades da PO.EX - serão poucos os adjectivos com que poderíamos, nesta breve introdução, caracterizar a obra de António Aragão no âmbito das *Cibertextualidades*. Ancorada nos conceitos de cibertexto e de literatura ergódica propostos por Espen Aarseth, a revista *Cibertextualidades* tem como objectivo estudar e divulgar não apenas as obras que usam o computador e os novos meios digitais, mas todo um conjunto de textos que historicamente se apresentam como *máquina* ou dispositivo para produção e consumo de signos. Não se limitando, portanto, ao estudo das textualidades electrónicas, propõe-se, ao invés, apresentar uma “perspectiva” acerca das formas de textualidade, concentrando-se no efeito estético e na capacidade de “produção de variedade de expressão”. A intermedialidade que caracteriza os textos híbridos do experimentalismo antecipa e prevê a convergência e a interdisciplinaridade, hoje em dia convocadas pelos média e pelo próprio sistema da ciência, antecipando desse modo os fluxos e as dinâmicas que caracterizam a sociedade da informação e do conhecimento. Compreender a cibercultura que os novos média têm vindo a promover e a possibilitar passa, nesse sentido, por compreender igualmente o modo como António Aragão utilizou e apropriou variados dispositivos tecnológicos, deformando-os, desviando o seu uso habitual, criando nos leitores um sentido agudo de estranhamento.

Uma publicação com estas características não pretende, nem conseguiria, esgotar a compreensão da qualidade e inovação das intervenções de Aragão no contexto da poesia contemporânea portuguesa. No entanto, ela constitui um início,

e um indício, daquilo que a divulgação e o estudo desta obra plurifacetada, tão estranhamente ignorada pela crítica, poderia oferecer à compreensão das textualidades digitais que caracterizam as novas escritas em rede. Este número da *Cibertextualidades* pretende, por isso, seguir os passos iniciados pela organização, por Nelson Veríssimo, de um número especial da revista MARGEM 2 (Nº 28, Maio de 2011, Ed. Câmara Municipal do Funchal), na qual se publicaram artigos que relatam o contributo de António Aragão no âmbito do património cultural e arqueológico, o seu papel como historiador, e a sua relevante obra ao nível da pintura, desenho e escultura. No caso da revista *Cibertextualidades*, porém, pretendemos circunscrever-nos à sua obra literária, encarando os aspectos expressivos da sua poesia concreta e visual, da sua ficção experimental. A PO.EX foi ignorada e pobremente recebida em Portugal, e a obra de Aragão talvez constitua o mais escandaloso dos casos. António Aragão explora nas suas obras um conjunto variado de técnicas expressivas, tanto ao nível semântico quanto ao nível da topologia da página, que são fundamentais para entender as cibertextualidades emergentes: a sua obra joga-se na superação dos limites da teorização dos géneros, transgredindo convenções dominantes, cruzando meios, investindo num sentido agudo da materialidade multisignica.

Começamos por publicar nesta revista uma Bio-Bibliografia ilustrada do autor, organizada por Bruno Ministro, na qual, esperamos, se possa revelar a real dimensão e variedade da obra de Aragão.

Em “António Aragão, ou a Liberdade da Invenção”, Rogério Barbosa da Silva propõe uma leitura da poesia e da poética de Aragão à luz dos processos de invenção e liberdade que lhes estão subjacentes. Sinalizando as “interfaces” da arte poética do autor com os média e os dispositivos tecnológicos, Rogério Barbosa da Silva acaba por demonstrar a fulminante consciência crítica, bem como a sua relação com o meio social.

Isabel Santa Clara, no artigo “Da transversalidade e da transgressão da autoria em António Aragão”, analisa a transversalidade de interesses e estudos de Aragão como terreno que possibilita as suas variadas práticas experimentais. Confrontando e convocando para a sua análise vários textos poéticos e teóricos de Aragão, a autora explica que a transgressão do conceito de autoria evidenciado na obra de Aragão deriva da apropriação, da autoria colectiva, e da simbiose homem-máquina.

Leonor Martins Coelho estuda *Os 3 farros. Descida aos infernos. Correspondências de alberto pimenta e de antónio aragão* enquanto “textualidades criativas sobre um País e um Mundo à deriva”. Da epistolografia em análise, a autora salienta aspectos como enigma e estranhamento, paródia e irreverência, traduzidas no desencantamento com o país e com o mundo.

Uma das obras de António Aragão que mais interesse tem suscitado é o romance experimental *Um buraco na boca*. Publicamos nesta revista quatro ensaios sobre esse texto fragmentário, os quais abordam o romance sob perspectivas diferenciadas.

Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira, em “Maneiras ou desvios, na fragmentação experimental?”, traça um percurso teórico-prático que possa explicar o experimentalismo fragmentário e genológico dessa obra.

Maria Leonor Figueiredo, por sua vez, no texto “Tudo feito para se perder”, estuda a obra à luz da sua irreverência, estabelecendo novos nexos com *Os 3 farros*.

Bruno Ministro, que no âmbito do Mestrado em Edição de Texto criou uma edição crítica desta obra, estuda este romance enquanto centralidade e descentramento, comparando ainda esta obra com outros trabalhos em prosa posteriormente escritos pelo autor.

Por fim, Helena Rebelo continua e expande o seu estudo deste texto literário sob o prisma da linguística, nomeadamente analisando o “estilo” do autor na sua peculiar construção frásica e sintaxe.

Catarina Figueiredo Cardoso analisa e expõe o contributo de António Aragão no âmbito dos livros de artista. No seu artigo, «“ler” o poema é simplesmente dobrar e desdobrar», analisa algumas publicações da PO.EX e de Aragão enquanto dispositivos materiais que implicam aspectos físicos e técnicos.

Particularmente relevante é a inclusão de uma secção especial com Depoimentos sobre Aragão, enviados por amigos e companheiros do autor, como é o caso de E. M. de Melo e Castro, Fátima Pitta Dionísio, António Barros, António Nelos, e Fernando Aguiar. Os nossos sinceros agradecimento aos autores que enviaram esses depoimentos.

Agradecemos ainda à família de António Aragão a autorização que permitiu disponibilizar as suas obras no Arquivo Digital da PO.EX (<http://po-ex.net/antonioaragao>), bem como todo o apoio prestado pelo seu filho único, Marcos Aragão Correia.

ISSN 1646-4435

